

# PUREZA NAGÔ E NAÇÕES AFRICANAS NO TAMBOR DE MINA DO MARANHÃO

Mundicarmo Ferretti  
Universidade Estadual do Maranhão - Brasil

**Resumo.** O Maranhão é conhecido como principal centro de preservação da cultura jeje-dahomeana do Brasil, embora a maioria dos terreiros de mina reproduza principalmente o modelo da Casa de Nagô e não o da Casa das Minas (jeje). A primeira, apesar de tradicionalista e fundada por africanas, distancia-se do candomblé da Bahia e goza de menor prestígio do que a Casa das Minas. Os outros terreiros da capital maranhense que cultuam entidades africanas originaram-se direta ou indiretamente da Casa de Nagô ou de terreiros de outras “nações” já desaparecidos. Os demais terreiros de São Luís foram abertos para entidades espirituais não africanas (caboclas), principalmente por curadores ou pajés, geralmente procurando fugir à discriminação de que eram alvo. Apesar da Casa das Minas não ter autorizado o funcionamento ou reconhecido outra casa mina-jeje, alguns terreiros de mina que também cultuam voduns do Daomé, procuram se legitimar no campo religioso afro-brasileiro afirmando possuir alguma ligação com ela ou com suas fundadoras africanas. Nesse trabalho se analisa a construção da identidade jeje da Casa Fanti-Ashanti e o filme documentário *Atlântico Negro - Na rota dos orixás*, de Renato Barbieri, onde ela é apresentada como a representante da cultura do Dahomé no Brasil.

**Abstract.** Maranhão is known as the principal centre of preservation of the jeje-dahomeana culture of Brazil, even though the majority of the centers of mina principally reproduce the House of Nâgo and not that of the House of Minas (jeje). The first, despite being traditionalist and founded by africans is distanced form the candomble of Bahia and enjoys less prestige than the House of Minas. The other centers of the capital of Maranhão that worship african entities originate directly or indirectly from the House of Nâgo or from centers of other ‘nations’ already disappeared. Many of the centers of São Luis were opened for non-african spiritual entities (cabocla) by curers or

pajés (medicine men) generally looking to flee from the discrimination of which they were a target. Despite the fact that the House of Minas has not authorised the functioning or recognised the other House of Mina-Jeje, some centers of mina also worship voduns of Dahomey, they try to legitimise themselves in the field of afro-brazilian religion, affirming that they possess some connection with it or its african founders. In this work the construction of the jeje identity of the House of Fanti-Ashanti is analysed and the documentary film *Atlantic Negro - The Rout of the Orixás* by Renato Barbieri, where it is presented as a representative of the Dahomey culture of Brazil.

## Introdução

Os terreiros de religião de origem africana mais identificados com a África geralmente constroem sua identidade tomando como referência o conceito de “nação”, que os vincula ao continente africano, à África negra, através de uma casa de culto aberta no Brasil por africanos antes da abolição da escravidão (“de raiz africana”). No campo religioso afro-brasileiro, os terreiros nagô mais antigos e tradicionais da Bahia foram considerados, tanto por pais-de-santo como por pesquisadores da área acadêmica, como mais puros ou autênticos e sua “nação” como mais preservada e/ou organizada<sup>1</sup>. A partir do que foi convencionalizado na Bahia como “nagô puro”, têm sido avaliados terreiros nagô de outros estados das mais diversas denominações: Candomblé, Xangô, Mina, Batuque e outras. Analisando a questão da “pureza nagô”, Beatriz Dantas (Dantas, 1988), apoiada em pesquisa realizada em Sergipe, mostra que, apesar da hegemonia do Candomblé nagô da Bahia na religião afro-brasileira, os indicadores de autenticidade africana ou “pureza nagô” adotados na Bahia nem sempre são os mesmos de outros estados e que traços muito valorizados no Candomblé da Bahia podem ser desvalorizados ou até rejeitados em terreiros de outras localidades.

No Maranhão, três casas construíram sua identidade tomando especialmente como referência uma “nação africana”: a Casa das Minas-Jeje, a Casa de Nagô e a Casa Fanti-Ashanti. De acordo com a tradição oral, as duas primeiras foram fundadas bem antes da promulgação da “Lei Áurea” (em 1888), que aboliu a escravidão no Brasil, e teriam quase a mesma idade: a Casa das Minas, por Maria Jesuína, dahomeana que teria entrado no

Maranhão como contrabando; e a Casa de Nagô, por duas africanas: Josefa (nagô) e Joana (cambinda ou “agrone”) que, segundo alguns, era de Angola (Oliveira, 1989: 32). A Casa Fanti-Ashanti foi aberta com o nome de “Tenda de São Jorge Jardim de Ueira” em 1958, por Euclides Ferreira, ligado ao Terreiro do Egito, matriz da Mina fanti-ashanti (já desaparecido). Segundo informação por ele recebida de sua mãe-de-santo, o Terreiro do Egito foi fundado em 1864, por Basília Sofia, natural de Cumassi (Gana). Alguns anos após o falecimento de sua mãe-de-santo, Pai Euclides ligou-se a terreiros de Xangô de Pernambuco, passando a definir-se como jeje-nagô, mas a Casa continuou sendo denominada Fanti-Ashanti, nome pelo qual tornou-se mais conhecida. A partir de 1980 a Casa passou a adotar, além da Mina, o Candomblé ketu (de estilo baiano) e, no final de 1997, após participação no vídeo “Na rota dos orixás”, de Renato Barbieri, vem sendo também apresentada como continuadora da tradição dahomeana (jeje) no Brasil, enfatizando outro aspecto de sua identidade africana múltipla<sup>2</sup>.

## As “nações” africanas da Mina do Maranhão

Apesar do Maranhão ser conhecido como “terra de Tambor de Mina” e principal centro de preservação da cultura jeje-dahomeana do Brasil, a maioria dos terreiros de Mina maranhenses reproduz principalmente o modelo nagô. Esse modelo, embora tenha sido introduzido por um terreiro fundado no século XIX por africanas, ainda em funcionamento, onde se canta quase só em língua africana, distancia-se do que se chama “nagô puro” em outros centros afro-brasileiros. Conforme um dos “mitos de origem”, a Casa de Nagô, matriz iorubana do Tambor de Mina, teve uma angolana entre suas fundadoras e integrou, desde o princípio, uma entidade cabocla, o que talvez explique a diferença. A projeção da Casa das Minas na área acadêmica deve-se principalmente às obras de Nunes Pereira (Pereira, 1947), Octávio da Costa Eduardo (Eduardo, 1948), Pierre Verger (Verger, 1952 e 1990), Roger Bastide (Bastide, 1971 e 1978) e, mais recentemente, às de Sergio Ferretti (Ferretti, S., 1995 e 1996).

Embora a Casa de Nagô tenha características próprias e não se confunda com a Casa das Minas, não se assemelha muito a terreiros nagô tradicionais existentes em outros estados (Barretto, 1977: 126). Comparada

aos terreiros nagô da Bahia é possível que apresente maior número de diferenças do que de semelhanças com eles, o que talvez explique a falta de atração por ela exercida em pesquisadores. Com efeito, apesar de sua importância no Tambor de Mina, a Casa de Nagô foi bem menos estudada do que a Casa das Minas e a Casa Fanti-Ashanti. Embora tenha merecido atenção especial de muitos pesquisadores, como Costa Eduardo (Eduardo, 1948), Pierre Verger (Verger, 1982), Maria Amália (Barretto, 1977), Olavo C. Lima (Correia Lima, 1981), Rosário Carvalho (Santos e Santos Neto, 1986), Daniel Halperin (Halperin, 1998) e tantos outros, não foi ainda objeto de nenhuma obra específica e mais aprofundada.

É possível que uma das razões da diferença existente entre a Casa de Nagô e os candomblés nagô tradicionais resida no fato que ela, além de integrar elementos jeje, o que também ocorre com aqueles, incorpora elementos cambinda e integra entidades espirituais não africanas (gentis e caboclas), o que parece ter acontecido desde a sua fundação ou desde o tempo em que esteve sob o comando de africanas. Algumas características da Casa de Nagô mostram bem a sua distância do “nagô puro” da Bahia: na Casa de Nagô, a manifestação de entidades espirituais africanas (voduns e orixás) é tão “sutil” que, às vezes, deixa de ser notada por observadores atentos; naquela Casa, os voduns e orixás não dão “ilá” (não “bradam”), dançam em conjunto, quase sem destaque individual, falam e “doutrinam” (puxam cantos), tal como os voduns na Casa das Minas-Jeje. É preciso notar que, na Mina maranhense, “bradar”, como também dançar dando rodadas, usar chapéu e colar “cruzado” são características de caboclos recebidos em terreiros conhecidos como “da mata”, considerados de pouco fundamento africano, pois os caboclos da Casa de Nagô adotam o mesmo tipo de manifestação dos voduns e orixás.

A Casa de Nagô, apesar de ter uma identidade marcante e traços bem diferenciados, aproxima-se bastante da Casa das Minas. As duas, além de chefiadas por mulheres, nunca permitiram a entrada de pessoas do sexo masculino na roda de voduns ou orixás e ambas tentaram evitar a proliferação de terreiros de Mina. Apesar disso, da Casa de Nagô saíram as fundadoras de vários dos terreiros de Mina mais antigos de São Luís, já em funcionamento no início do século XX, como os de Vó Severa (no antigo “Apeadouro” / Monte Castelo) e o de Maria Cristina, no sítio do Justino, hoje Vila Embratel (ainda em atividade). São também originários da Casa de Nagô os tambores conhecidos por “abatá” (de duas membranas, tocados horizontalmente), en-

contrados em todos os terreiros de Mina da capital maranhense, com exceção da Casa das Minas-Jeje, mesmo naqueles que não têm ligação direta com a Casa de Nagô.

A Casa das Minas, matriz dahomeana, embora não tenha autorizado a abertura de outro terreiro jeje e não costume reconhecer os voduns que ela cultua em outras casas (a não ser na Casa de Nagô) sempre foi muito procurada por pessoas ligadas a terreiros da capital e do interior em busca de orientação. Essa busca foi maior no tempo de Mãe Andresa Maria, que chefiou a Casa durante quatro décadas (de 1914 à 1954), quando se fala que a Casa era também muito procurada por mães-de-santo de outros estados do Norte, principalmente das cidades de Belém e de Manaus (Ferretti, S., 1996: 68-69). Segundo Dona Deni, atual chefe da Casa das Minas, até a morte de Mãe Andresa, a Casa foi muito visitada por um terreiro cambinda de Codó (interior do Maranhão) que, apesar de já desaparecido, continua sendo por ela lembrado na festa de São Sebastião (de 19 à 21 de janeiro), quando é feita a obrigação de Acossi Sapatá. Nessa festa, na terceira noite de toque, os voduns costumam sair pelas ruas para visitar os da Casa de Nagô e, antes do encerramento do toque, fazem uma homenagem aos cambinda, cantando algumas músicas em português ou em outra língua africana.

Embora a Casa das Minas não reconheça outro terreiro como mina-jeje, uma de suas ex-dançantes, Zuleide Amorim, abriu, no Rio de Janeiro, por volta de 1970, um terreiro de Mina-Jeje, buscando o apoio de um importante tocador da Casa das Minas (Pereira, 1979: 225). Esse terreiro, no entanto, não foi reconhecido por aquela Casa e, pelo menos no início, não conseguiu se manter no Rio de Janeiro como Mina-Jeje, conforme declarado por sua fundadora no filme “Nunes Pereira e a Casa das Minas”, de Rolando Monteiro e José Sette, 1976 (Costa, 1997: 367). Zuleide Amorim, que é também conhecida como Zeneida Lima (Lima, Z., 1993), foi homenageada em 1998 pela Escola de Samba “Beija-Flor de Nilópolis” (Rio de Janeiro) como pajé.

Alguns dos mais conhecidos pais-de-santo da Mina, como Jorge Itaci, Euclides Ferreira, em São Luís (Maranhão), e Francelino de Xapanã, em Diadema (São Paulo), afirmam a existência também em suas casas de voduns da Mina-Jeje, inclusive da família real do Dahomé, como Dadahô e Zomadonu e declaram possuir alguma ligação com a Casa das Minas (o que nunca é confirmado pelas vodunsis daquela Casa) ou costumam se apresentar como

herdeiros e legítimos continuadores da religião africana trazida para o Brasil por escravos dahomeanos e do culto aos voduns do Dahomé. Uma dessas visões foi apresentada no vídeo *Na rota dos orixás*, de Renato Barbieri e roteiro de Victor Leonardi, que foi apresentado na mostra paralela do Festival de Cannes (na França) em 1999, e que recebeu, no Brasil, vários prêmios como documentário, inclusive o prêmio *Pierre Verger*, da Associação Brasileira de Antropologia, em 2000. A Casa Fanti-Ashanti, apresentada no vídeo de Barbieri como reduto de tradição africana e referência no Brasil sobre culto aos voduns do Dahomé, foi objeto de monografia de mestrado, teses de doutorado e livros dos antropólogos Maria Amália Barretto (Barretto, 1977 e 1987), Mundicarmo Ferretti (Ferretti, M., 2000), Álvaro Roberto Pires (Pires, 1999) e de três livros publicados pelo seu fundador e pai-de-santo Euclides Ferreira (Ferreira, 1984, 1985 e 1987).

O pesquisador Octávio da Costa Eduardo, escrevendo sobre os terreiros existentes em São Luís por volta de 1943-1944, faz também referência a uma casa cambinda de São Luís que, apesar de não identificada nominalmente por ele em sua obra, acredita-se tratar-se do Terreiro do Cutim, de Noêmia Quadros (já desaparecido). É possível que no passado mais alguns terreiros da capital maranhense tenham se definido tomando como referência outras “nações” africanas cujo nome parece sugerido na letra de músicas cantadas nos terreiros ou no discurso de alguns pais-de-santo: angola, bijagó, caxeu, felupe, gangá, tapa e outras.

Hoje, embora a maioria dos terreiros de Mina de São Luís não tenha ligação direta com a Casa das Minas ou com a Casa de Nagô, muitos ligam-se direta ou indiretamente ao Terreiro do Egito, como a Casa Fanti-Ashanti, o Terreiro de Iemanjá (de Pai Jorge), o Terreiro Fé em Deus (de Mãe Elzita). Mas, como na Casa das Minas-Jeje quem não é jeje e nem nagô é “bêta” (“da Mata” ou “de caboclo”), esses terreiros não são ali reconhecidos como de “nação” africana<sup>3</sup>.

## As “nações” da Casa Fanti-Ashanti

Os terreiros afro-brasileiros, mesmo os considerados mais puros, definem-se em relação a uma “nação”, mas integram elementos de outras (entidades espirituais, cantos, mitos, vocábulos, etc), razão pela qual o

Candomblé é conhecido como jeje-nagô. Essa mesma realidade é encontrada no Tambor de Mina do Maranhão. Mas, enquanto a identidade africana da Casa das Minas e da Casa de Nagô é sempre a mesma, a da Casa Fanti-Ashanti, além de múltipla, encontra-se em constante elaboração.

A Casa Fanti-Ashanti foi inaugurada em 1958, com o nome de *Tenda de São Jorge Jardim de Ueira*, mas se tornou mais conhecida como Casa Fanti-Ashanti. Conforme explicação dada por seu fundador e pai-de-santo Euclides Ferreira, a “nação” da Casa teve como primeira matriz o terreiro do Egito, fundado em São Luís, em 1864, por uma africana de Cumassi (Gana) (Ferreira, 1984: 99). Apesar de Pai Euclides afirmar ter sido dado por sua mãe ao vodum *Lissá*, na Casa das Minas, antes de nascer, e de já ter entrado em transe com caboclo quando se ligou aquele terreiro, foi ali que começou a incorporar *Rei dos Mestres*, nome pelo qual eram mais conhecidas naquele terreiro as entidades africanas Tó-Alapong, recebida pela fundadora, e *Tó-Alaby*, que ele recebeu (Oxalufã e Oxaguiã?) (Ferreira, 1987: 53, 55). Conforme Pai Euclides, Rei dos Mestres é o mesmo *Oxalá*, que passou mais tarde a receber no Candomblé, e o mesmo vodum *Lissá*, cultuado na Casa das Minas-Jeje.

O terreiro do Egito, que funcionou próximo ao porto do Itaquí, foi dirigido, no período de 1920 à 1966, por Maria Pia, que sucedeu a sua fundadora. Segundo Pai Euclides, depois da morte de Maria Pia o terreiro foi comandado por filhas da Casa que já tinham seu próprio terreiro de Mina e que pouco se dedicaram a ele, razão pela qual entrou em declínio, deixando de funcionar em dezembro de 1980 (Ferreira, 1987: 53), depois de uma tentativa de reativação por ele realizada. Nos três últimos anos que precederam ao seu desaparecimento, Pai Euclides organizou ali, no dia 13 de dezembro, um ritual denominado “Baião”, que era realizado na época de sua mãe-de-santo e que foi por ele integrado ao calendário da Casa Fanti-Ashanti<sup>4</sup>. É possível que muitos dos elementos “fanti-ashanti” incorporados ao sistema da Casa tenham sido obtidos pelo seu pai-de-santo na literatura (Barretto, 1977: 57), no contato com pesquisadores e praticantes da religião africana em outros países, e tenham sido por ele introduzidos progressivamente ao sistema da Casa (Ferretti, M., 2000).

Depois que o terreiro do Egito encerrou suas atividades, a Casa Fanti-Ashanti considerando-se depositária dos fundamentos da “nação” passou a se apresentar como uma terceira matriz africana da Mina maranhense. Mas,

embora tenha sempre se apresentado como de uma raiz africana diferente, adotou várias características da Casa das Minas e seguiu de perto as pegadas da Casa de Nagô (Barretto, 1977: 126)<sup>5</sup>. A Casa Fanti-Ashanti incorporou também alguns elementos bantu que, embora não tenham sido destacados por Pai Euclides nos relatos de sua história, podem ser constatados na análise de documentos da Casa do final da década de 1960, como o certificado de feitoria de João Albino de Aquino, que é assinado Pai Euclides como Babalorixá de *inkice* e confere ao seu filho-de-santo o título de *Tata de inkice*<sup>6</sup>.

Em 1974, quando Maria Amália Barretto realizou sua pesquisa sobre os voduns do Maranhão, a Casa Fanti-Ashanti afirmava com grande ênfase a sua identidade fanti-ashanti. Dois anos mais tarde, o fascínio de Pai Euclides pelo “nagô puro” o levou a “tirar a mão de vumbe” e a se ligar a casas de Xangô de Pernambuco, levando a Casa Fanti-Ashanti a mudar de “nação”, embora tenha continuado com o mesmo nome. Em 1980 a Casa Fanti-Ashanti, apesar de ainda denominada Fanti-Ashanti e de continuar realizando rituais de Mina, “mudou de nação”, adotou o Candomblé de estilo baiano e assumiu a identidade jeje-nagô (Ferreira, 1984: 106). Essa mudança foi oficializada depois da ligação de Pai Euclides a três pais-de-santo de Pernambuco: Manoel do Nascimento Costa – Manoel Papai, Maria das Dores da Silva (do Xangô tradicional de Recife, de “nação” Nagô-Oyó) e Severino Ramos - Raminho de Oxossi. Esse último, embora classificado por pesquisadores pernambucanos como de Xangô umbandizado (Brandão, 1986), conforme Pai Euclides, é jeje-mahi cruzado com kêtú (Ferreira, 1984: 11; 1987: 98) e foi preparado no jeje-mahi por Zezinho da Boa Viagem, em Nova Iguaçu-RJ (Ferreira, 1984: 85)<sup>7</sup>. Assim, a partir de 1980, quando a Casa Fanti-Ashanti integrou oficialmente o Candomblé, embora Pai Euclides tenha declarado estar “processando o culto Jeje-Mahi e Nagô-Oyó” (Ferreira, 1984: 106), passou a se pautar mais pelo nagô da Bahia e a adotar o ketu como modelo de seu Candomblé (Ferreira, 1997: 4). Um balanço nos quase 20 anos de Candomblé da Casa Fanti-Ashanti mostra que ela tem passado por várias fases e que essas fases parecem associadas à maior ou menor identificação de Pai Euclides com um dos seus três pais-de-santo de Pernambuco<sup>8</sup>.

Em dezembro de 1997, a participação de Pai Euclides no vídeo *Atlântico Negro - Na rota dos orixás*, de Renato Barbieri, lançado em São Paulo em 07/05 e, em São Luís, em 15/06/1998, voltou a abalar a sua identidade africana. O vídeo *Na rota dos orixás*, tratando das relações Brasil-África, dá



um destaque especial a Pai Euclides e a Avimanjenon, sacerdote de vodum de Ouidah. Este, impressionado com gravação feita pelo cineasta na Casa Fanti-Ashanti, onde ele canta em fon invocando os ancestrais, grava um depoimento que foi assim traduzido:

“Aqueles que partiram para o Brasil guardaram sua identidade, isso é o que me emocionou na mensagem de Euclides”.

“Os escravos levaram o vodum da África e há os voduns que foram com os escravos e os que ficaram em Ouidah. Por isso o vodum é adorado tanto no Benin como no Brasil”.

Na gravação mostrada a Avimanjenon, Pai Euclides, apresentando-se como Talabiã de Lissá, afirma estar reverenciando naquele dia o grande vodum *Azen* (cujo nome aparece em desenho existente em uma das paredes da sua Casa) e canta em fon uma música cujo refrão soa a nós como “ô mimalá, mimalá” e foi traduzido como “louvamos, louvamos” e assim transcrito pelo beninense Hyppolyte Brice Sogbossi:

“o mi manlan mi manlan”...

A música gravada pelos cineastas na Casa Fanti-Ashanti foi escutada no Benin com grande atenção por Avimanjenon e seus acompanhantes e provocou uma emoção especial num ancião que foi apresentado como o sumo-sacerdote de Abomey, Adjahô-Houmosse, que, batendo na cabeça, falou o que foi traduzido no vídeo como:

“Eu peço ao Senhor que uma aproximação se faça entre os dois países porque estamos reunidos diante do mesmo moinho que esmaga os condimentos”. “Eu considero que essa história é a história de duas crianças que foram separadas e que nunca se viram. Cada um deles teve filhos e esses filhos nunca se viram, mas um dia a ocasião foi dada a seus descendentes para se conhecerem. Esse reencontro seria alguma coisa inexplicável. Sua alegria será inestimável e nós nem poderíamos qualificá-la. É alguma coisa extraordinária”.

Não é difícil perceber que Pai Euclides foi visto, por aqueles

sacerdotes beninenses, como descendente de dahomeanos escravizados que trouxeram o vodum para o Brasil e que, inegavelmente, a “chave” daquela interpretação foi o canto entoado por Pai Euclides. Mas, embora não tenha sido ali declarado, aquele canto não foi deixado no Maranhão pela fundadora da Casa das Minas que, conforme afirmado no vídeo, foi fundado por uma dahomeana, que pode ter sido a mãe do Rei Guezo (onde Pai Euclides “foi dado ao vodum Lissá no ventre de sua mãe”). Não lhe foi também ensinado no Terreiro do Egito, onde Pai Euclides começou a receber Rei dos Mestres (“Lissá”) e de onde sempre afirmou ser a sua raiz africana do Tambor de Mina (fanti-ashanti), que nem foi citado no vídeo entre os que deram origem aos terreiros de São Luís que hoje conservam “as tradições jeje de culto aos voduns”. Segundo Olivier Gbegan, beninense radicado no Brasil, a música apresentada por Pai Euclides foi cantada em São Luís no ano de 1985, por sacerdotes de vodum que participaram de um Colóquio da UNESCO realizado em São Luís (UNESCO, 1985). Foi cantada primeiro na Casa das Minas homenageando os ancestrais e a sua fundadora, então reconhecida como a mãe do Rei Guezo, vendida como escrava. Depois foi cantada na Casa Fanti-Ashanti, a pedido de Pai Euclides<sup>9</sup>.

No vídeo *Na rota dos orixás*, em outra seqüência, é apresentada a volta dos cineastas do Benin e a sua chegada na Casa Fanti-Ashanti, trazendo para Pai Euclides uma mensagem gravada de Avimanjenon e alguns “presentes” que, segundo o narrador, foram enviados por ele, embora tenham sido encomendados por Pai Euclides e comprados pela produção do filme (Perés, 1998-1999), entre os quais um bastão cerimonial, que foi recebido ritualmente por Pai Euclides e por vários filhos da Casa<sup>10</sup>. Mas, na recepção, eles aparecem caracterizados de uma forma pouco usual na Mina ou nunca vista na Casa. Pai Euclides, apesar de sem camisa, apresenta-se de modo semelhante ao sacerdote beninense Avimanjenon (com pano branco na cabeça, chapéu de feltro, etc) e as filhas da Casa semelhante às antigas vodunsis “gonjai” da Casa das Minas, quando em transe com tobôssis (de cabelo solto, ombro nu, manta de miçanga, etc), como foi mostrado por Sergio Ferretti em foto reproduzida na 2ª edição do seu livro *Querebentã de Zomadônu* (Ferretti, S., 1996). Na caracterização das filhas da Casa foi acrescentada uma pena de guará na cabeça, que tem substituído, na Casa, a de ecodidé, nas saídas de iaô, e que são vistas no Benin, na cabeça de algumas vodunsis.

No vídeo *Na rota dos orixás*, de Renato Barbieri, Pai Euclides apa-

rece também ligado a duas características que, apesar de muito importantes na religião africana, não são encontradas na tradição jeje do Maranhão: o culto a Exu e o jogo de búzio. Assim, embora tenha aprendido a falar e a entoar alguns cantos em fon (nem sempre herdados dos escravos que vieram para o Brasil), seus “fundamentos” da “nação” jeje foram obtidos principalmente fora da tradição jeje do Maranhão: em contato com africanos, como a música do vídeo; em discos de Cuba, como a cantada pela Casa Fanti-Ashanti no encerramento de um seminário do INTECAB-MA, em 10/1998 (Ferretti, M., 2000b: 46).

Apesar de *Na rota dos orixás* ter sido muito premiado como documentário, as imagens da Casa Fanti-Ashanti por ele veiculadas foram demasiado produzidas e nele ela aparece muito maquiada e afastada de sua realidade. Fora as cenas de Candomblé e de Mina, pouco do que foi gravado na Casa Fanti-Ashanti corresponde à realidade da Casa ou pode ser reconhecido pelos que leram as teses de antropólogos e os livros escritos por Pai Euclides sobre ela. Apesar de ter aparecido no documentário com algumas características da Casa das Minas, mostradas no livro *Querentã de Zomadonu*, de Sergio Ferretti (Ferretti, S., 1996) (foto das tobôssi, etc), a indumentária de Pai Euclides recebendo os presentes, que se afirma terem sido enviados por Avimanjenon, não tem nada com a tradição jeje do Maranhão e nem com a tradição da Casa, pois, em vez de se assemelhar à usada por ele quando oficia rituais de Mina ou Candomblé, em louvor a voduns e orixás, lembra a que é por ele usada quando recebe boiadeiro, no Samba Angola (calça estampada, sem camisa, etc), ou quando recebe caboclo da linha de Cura/Pajelança, como Antônio Luiz, o “Corre Beirada” (chapéu de feltro, semelhante ao do caboclo) (Ferretti, M., 2000: 223 e 226).

Pai Euclides aparece, portanto, em *Na rota dos orixás* encenando uma história que não é propriamente a sua, o que leva o vídeo a enveredar pelos caminhos da ficção, contribuindo para difundir informações errôneas sobre as relações existentes entre Maranhão e Benin, pois o vídeo é apresentado como documentário. Por essa razão, embora a obra tenha sido muito premiada, tenha emocionado muitos filhos-de-santo e muitos pesquisadores e tenha sido aplaudida por todos pelo seu mérito artístico, não foi bem recebida pela Casa das Minas e pelos que conhecem melhor a história da religião afro-brasileira no Maranhão e de suas relações com o Benin (Perés, 1998-1999). O prêmio *Pierre Verger 2000*, conferido a ela como documentário

pela ABA (*Associação Brasileira de Antropologia*), provocou grande perplexidade nos antropólogos que escreveram ou deram crédito a teses e livros produzidos sobre a Casa das Minas e sobre a Casa Fanti-Ashanti, inclusive, porque se apóia numa versão muito diferente da que foi dada por Pierre Verger sobre as relações Benin-Maranhão (Verger, 1952; 1990).

E, como não se explicou porque a Casa das Minas não apareceu no vídeo cultuando os seus voduns (na Mina-jeje não se admite que a imagem de voduns incorporadas seja mostrada na televisão, sob qualquer pretexto, e que as músicas de vodum sejam cantadas fora das ocasiões às quais são destinadas), algumas pessoas que não conheciam a Casa das Minas e viram o vídeo *Na rota dos orixás* têm se surpreendido ao vê-la funcionando. A Casa das Minas, embora conte atualmente com um grupo pequeno, de idade avançada, continua o culto aos voduns do antigo reino do Dahomé e é a principal referência sobre aquele culto no Brasil<sup>11</sup>.

É interessante notar que, embora não tenha sido narrado no vídeo, em 1993, por ocasião do Festival de Cultura do Vodum *Ouidah-92*, Dona Celeste cantou no Benin uma doutrina da Casa das Minas, durante a inauguração de um monumento em homenagem aos que atravessaram o Atlântico num navio negreiro, provocando uma grande emoção nos beninenses. É bem possível que se tenha procurado reproduzir no vídeo aquele emocionante encontro. O fato foi relatado por Pierre Verger num texto publicado na contra capa da 2ª edição de *Querebentã de Zomadônu: etnografia da Casa das Minas do Maranhão*, de Sergio Ferretti (Ferretti, S., 1996), que merece ser transcrito:

“Entre os momentos mais comoventes que tive oportunidade de presenciar, na República do Benin, ex-Daomé, em 1993, gostaria de citar os que assisti em Ouidah, durante as celebrações realizadas neste lugar para comemorar as antigas relações estabelecidas entre a África e o Novo Mundo na época do tráfico de escravos.

Entre os participantes dessa manifestação figurava Sergio Ferretti e Mundicarmo Ferretti, acompanhados de Dona Celeste, da Casa das Minas de São Luís do Maranhão.

Durante nossa visita ao monumento elevado, no percurso do caminho que liga a cidade à praia de embarque dos infelizes escravos, Dona Celeste teve a inspiração de cantar certos hinos africanos conhecidos na Casa das Minas de São Luís do Maranhão.

Um milagre aconteceu, pois a gente de Ouidah conhecia essas cantigas e se

juntou em coro a ela, com acompanhamento de palmas e bailados. Era o reencontro, após dois séculos, de irmãos e irmãs que foram separados” (...).  
Pierre Verger

Cerca de dois anos depois de sua participação no vídeo *Na rota dos orixás* Pai Euclides, em texto distribuído na Casa Fanti-Ashanti (Ferreira, 2000: 3), se apresentou como *Vodunsu-Hunsudahou Lissa-Non* (sacerdote de Lissá), amigo de Avimanjenon, do Benin - com quem se relacionou em 1995, através do pesquisador Luis Nicolau Perés (Perés, 1998-1999: 372-n2), quando trocou cartas e fotografias com ele e recebeu cópia de uma gravação em vídeo - e de quem passou a ter um retrato pendurado na parede da Casa Fanti-Ashanti. Depois daquela experiência Pai Euclides parece mais interessado em estabelecer laços com o Benin do que em reforçar sua ligação com o jeje-mahi, através de Raminho de Oxossi<sup>12</sup>. E há quem diga em São Luís que Pai Euclides está se “desencantando” com o ketu e modificando o repertório do Candomblé para introduzir músicas jeje, que ele aprendeu ao longo dos anos e que em breve estará lançando um CD com o novo repertório da Casa. O certo é que hoje já não se afirma a identidade africana da Casa como fanti-ashanti e o fanti-ashanti tende a se transformar em um nome escolhido em homenagem à fundadora do Terreiro do Egito, onde Pai Euclides começou a dançar Mina.

## Conclusão

Tem sido bastante apregoado que todo discurso sobre o passado é produzido a partir dos interesses e valores atuais, o que permite que um mesmo fato possa ser olhado de modos diferentes em épocas e circunstâncias diversas. Os documentos e a memória ajudam a manter as nossas visões e interpretações do passado, mas não impedem que elas mudem. Como não se dispõe ou quase não se dispõe de documentos sobre os primórdios do Tambor de Mina e as pessoas que fundaram os primeiros terreiros ou que conviveram com elas já se foram, as especulações sobre o seu passado não têm uma base muito sólida e estão sujeitas a constantes discussões. Como as duas casas mais antigas – Casa das Minas e Casa de Nagô - conseguiram chegar até os nossos dias, pode se falar de seu passado com maior segurança do que do passado de terreiros que já desapareceram, como o do Egito, onde foi

iniciado na Mina o fundador da Casa Fanti-Ashanti.

No Tambor de Mina, só a Casa das Minas-Jeje e a Casa de Nagô (ambas de São Luís) foram fundadas por africanas e têm uma identidade africana assentada numa auto-definição, num reconhecimento geral, na posse de traços antigos e bem diferenciados (característicos de sua “nação”), muitos dos quais remontam ao tempo das fundadoras. Como surgiram na mesma época, se estabeleceram na mesma área e têm uma longa experiência de interação, uma fortalece a identidade africana e avaliza a história da outra. Como a Casa Fanti-Ashanti não dispõe das mesmas condições, sua definição em termos de “nação” tem que ser analisada de outra forma. Como salientou a antropóloga Maria Amália Barretto (Barretto, 1982), fanti-ashanti não é uma raiz africana que veio do tempo do “cativeiro”. É símbolo da identidade de um terreiro que se afirmou no campo religioso afro-maranhense como distinto do jeje e do nagô e que construiu a sua identidade tomando a África como principal referência. Por essa razão pode ser reelaborada e substituída com maior facilidade do que as nações jeje e nagô.

A “nação” fanti-ashanti do Tambor de Mina, de que nos ocupamos mais nesse trabalho, mobilizou no passado um grande esforço de elaboração e de pesquisa de Pai Euclides. Com o passar do tempo, não tendo uma base tão firme como as “nações” jeje nagô e, como o pai-de-santo e fundador da Casa Fanti-Ashanti gosta de viajar, ler, conversar com africanos, trocar idéias com pessoas de grande competência na religião afro-brasileira e com pesquisadores, foi sendo suplantada ou substituída por outra mais compartilhada e de maior prestígio no campo afro-brasileiro (jeje-nagô, jeje-mahi, ketu e outras)<sup>13</sup>. Nesse processo uma ligação da Casa com o Benin seria normal e representaria o coroamento da trajetória de Pai Euclides, mesmo que ele não pudesse passar ali o tempo necessário para a sua aprendizagem e confirmação como sacerdote do vodum.

Os terreiros antigos, apegados à tradição deixada por seus fundadores, apesar de mais estáveis, também mudam: abandonam certas práticas, perdem alguns fundamentos, introduzem alterações para se adaptarem a novas condições, etc. Os que, mesmo já tendo uma certa idade, ainda estão sob comando de seus fundadores, mudam muito mais. A Casa Fanti-Ashanti não é a primeira e nem a única a mudar de “nação”, embora deva ser uma das que mais mudou no comando de um mesmo pai-de-santo. Mas a sua mudança foi sempre apoiada em algum aspecto de sua tradição ou da identidade múltipla

de seu fundador e pai-de-santo. Por essa razão, embora tenha sofrido algumas perdas, conseguiu que algumas pessoas que acompanham Pai Euclides desde a fase de organização do terreiro permaneçam a seu lado.

## Notas

<sup>1</sup> Sobre o conceito de “nação” ver Lima, V., 1976.

<sup>2</sup> Sobre o conceito de identidade múltipla no plano da personalidade ver Augras, 1995.

<sup>3</sup> A maioria dos terreiros afro-brasileiros atuais foram abertos por pessoas que não têm vinculação direta a terreiros fundados por africanos, mas como essa vinculação é muito valorizada, tanto pelos terreiros “de raiz” como pelos terreiros que obtiveram seus “fundamentos” em fontes diversas, os representantes nem sempre revelam como ou com quem aprenderam certas rezas, cantos, mitos, palavras, etc. Para não serem taxados de “terreiros de livros” ou para não ensinarem o caminho a seus concorrentes, deixam muitas vezes de indicar suas fontes. Esse processo tem seus inconvenientes e tem abalado o prestígio e a credibilidade de terreiros e pais-de-santo neles envolvidos.

<sup>4</sup> Apesar do terreiro do Egito ser apresentado por Pai Euclides como “de nação” africana, costuma ser lembrado como um lugar de onde muitos podiam ver o “navio encantado de Dom João”, que aportava ali durante a festa de dezembro, trazendo encantados, que eram recebidos pelos filhos da casa (Ferreira, 1987: 53; Oliveira, 1989: 34-35). É ainda lembrado como “berço” de várias linhas de entidades espirituais não africanas e como terreiro onde foram preparados muitos pais e mães-de-santo que abriram casas de Mina em São Luís nas décadas de 1940 (como Zacarias) e 1950 (como Euclides Ferreira, fundador da Casa Fanti-Ashanti e Jorge Itaci, fundador do terreiro de Yemanjá).

<sup>5</sup> Esse processo deve ter sido facilitado por algumas mulheres de grande competência na Mina que acompanharam Pai Euclides no passado. É bom lembrar que Pai Euclides teve ao seu lado, durante muitos anos, uma pessoa que, além de ser “guia” (mãe-pequena) do Terreiro da Turquia, um dos mais antigos de São Luís, onde ele teve seus caboclos confirmados, era muito ligada à Casa das Minas: Maria dos Remédios. Teve também aproximação com várias pessoas da Casa de Nagô, entre as quais Maria Leoa, que morou em sua casa, quando ele era criança, e que o levou algumas vezes para lá em noites de toque.

<sup>6</sup> É possível que ele tenha recebido esses elementos de sua tia Isaura, que foi guia (mãe-pequena) da Casa até a preparação de Cabeka (Isabel) e que ainda era o seu “braço direito” naquela época. Segundo Pai Euclides, Isaura dançava no terreiro do Cutim (conhecido como cambinda) e no terreiro de Maximiana (muito ligado a Codó),

que foi documentado, em 1937, pela *Missão de Pesquisa Folclórica*, de Mário de Andrade (Alvarenga 1948).

<sup>7</sup> Como nos foi informado pelo pesquisador mineiro Fernando Cesar Araujo, Zezinho da Boa Viagem foi preparado por Tata Fomutinho, divulgador do jeje-mahi no Rio de Janeiro, que foi iniciado no Candomblé jeje do Ventura, em Cachoeira.

<sup>8</sup> Em janeiro de 2000, um texto sobre a casa, distribuído por Pai Euclides, falando de suas raízes pernambucanas destaca a sua relação com Maria das Dores que, embora também enfatizada em pronunciamento proferido em 1994, em Recife, no *IV Congresso Afro-Brasileiro*, aparecia com menos peso do que os seus dois pais-de-santo (Manoel Papai e Raminho), em documentos mais antigos:

“Em 16 de agosto de 1976 por necessidade ou marca do destino terminei me integrando na família do Pai Adão, ou seja, na raiz de IFÁ Tinunké, se bem que a minha mãe de santo no candomblé foi a Ialorixá Maria das Dores da Silva (TALABYDÉIN), então com toda essa história só posso dizer que sou fruto de três raízes ou melhor, de três árvores distintas. Com certeza eu sou um legítimo herdeiro de Axé-Etá” (Ferreira, 2000: 7).

<sup>9</sup> Em junho de 1985, durante o Colóquio da UNESCO, “*Sobrevivências das tradições religiosas africanas no Caribe e na América Latina*” (UNESCO, 1985), a Casa Fanti-Ashanti organizou um toque de Candomblé para os participantes e depois recebeu a visita dos quatro africanos do Benin que participaram do evento (Ferreira, 1987: 169) e Olivier Gbegan, que na época cursava Engenharia Elétrica na Universidade Federal do Maranhão. A coordenação local do evento programara, para os participantes, uma visita a cinco terreiros de Mina que estavam realizando toque durante o evento e a uma Tenda de Umbanda. Segundo Pai Euclides, na visita à Casa Fanti-Ashanti, os africanos cantaram algumas músicas “em jeje-fon” e ouviram alguns cânticos “em iorubá”, entoados por ele e por uma de suas irmãs que mais tarde foi iniciada no Candomblé (Anúnciação). Como a cantoria foi gravada pelos africanos, Pai Euclides solicitou a Olivier Gbegan cópia da gravação, o que foi por ele providenciado depois de autorizado pelo sacerdote de vodum que estava no grupo. Posteriormente, transcreveu a letra e, a pedido de Pai Euclides, voltou diariamente à Casa Fanti-Ashanti, durante duas semanas, para ensiná-lo a cantar músicas que haviam sido gravadas. Conforme nos foi ainda declarado por aquele beninense, em janeiro de 1999, depois de ter visto o vídeo “*Na rota dos orixás*” na casa de uma amiga, em São Luís, no vídeo Pai Euclides canta a música que ele o ensinou em 1985 e que fora cantada primeiro na Casa das Minas e depois na casa dele, por sacerdotes do Benin. A música foi também reconhecida por Dona Deni, atual chefe da Casa das Minas, que nos esclareceu que ela foi cantada por eles na Casa das Minas, nos aposentos de Zomadonu, depois que concluíram que a Casa foi verdadeiramente fundada por uma sacerdotisa da família real (Entrev. 03/09/2000).

<sup>10</sup> Nicolau Perés publicou na revista *Afro-Ásia* uma resenha sobre o filme “Atlântico



Negro - Na rota dos orixás” onde esclarece dois pontos: a relação entre Pai Euclides e Avimanjenon e o bastão cerimonial recebido como presente pelo primeiro. Conforme Luis Nicolau, o contato de Pai Euclides com aquele sacerdote de Ouidah foi iniciado por ele em 1995, quando, dando aquele sacerdote beninense nomes de afro-brasileiros, trouxe dele para Pai Euclides uma carta, uma foto e uma gravação, em vídeo, de festas realizadas em seu templo em Ouidah. Esse contato foi seguido de trocas de cartas e de fotografias. Segundo informação por ele obtida de Renato Barbieri, o bastão cerimonial recebido por Pai Euclides foi encomendado por aquele pai-de-santo aos cineastas e, embora sua confecção tenha sido orientada por Avimanjenon, foi pago por eles e não enviados a Pai Euclides, como presente, por aquele sacerdote do Benin (Perés, 1998-1999: 372).

<sup>11</sup> Quando foram feitas pelos cineastas as primeiras gravações na Casa Fanti-Ashanti, foi gravada também uma entrevista com Sergio Ferretti, que tem dois livros publicados sobre a Casa das Minas-Jeje (Ferretti, S., 1995 e 1996), e a equipe pensava gravar a vinda dos voduns naquele terreiro jeje, na Festa de Santa Bárbara, o que não foi autorizado por eles. Como não foi utilizado no vídeo nenhum trecho daquela entrevista, acredita-se que a versão de Sergio Ferretti sobre as relações do Maranhão com o Benin não se coadunava com a que foi produzida no vídeo.

<sup>12</sup> Reginaldo Prandi (Prandi, 1991) fala que em São Paulo a busca de ligação direta com sacerdotes africanos já é antiga e foi realizada por vários pais-de-santo com nigerianos.

<sup>13</sup> Os denominados terreiros “de raiz” orientam-se mais pelo passado e relutam em incorporar novos elementos ao sistema tido como organizado por africanos, que chegou até os nossos dias por via oral, numa cadeia de transmissão onde a confiança e o segredo são fatores dominantes. Os terreiros mais novos, ou sem uma vinculação direta com uma das casas “de raiz”, são mais ávidos de conhecimentos atuais: seus líderes fazem cursos de língua africana; pesquisam em bibliotecas, arquivos e museus; freqüentam outras casas; vão a congressos; compram discos, vídeos, livros; usam roupas africanas, etc. Por isso mesmo são mais sujeitos a reelaborações.

## Bibliografia

ALVARENGA, Oneyda. 1948. *Tambor de mina e Tambor de Crioulo: registros sonoros de folclore nacional brasileiro II*. São Paulo: Biblioteca Pública Municipal.

AUGRAS, Monique. 1995. “O assento dos deuses”. In: *Psicologia e cultura:*

- alteridade e dominação no Brasil. Rio de Janeiro: NAU, pp. 136-149.
- BARRETTO, Maria Amália Pereira. 1982. *Os voduns do Maranhão*. São Luís: FUNC.
- . 1982b. *A Casa Fanti-Ashanti: um grupo étnico?* Marília: UNESP. (Publicação Avulsa n. 49; Antropologia 3).
- . *A Casa Fanti-Ashanti em São Luís do Maranhão*, v. 1 e 2. 1987. Tese de Doutorado em Antropologia. Museu Nacional.
- BASTIDE, Roger. 1971. *As religiões africanas no Brasil: contribuição a uma Sociologia das interpretações de civilizações*, v. 1 e 2. São Paulo: Ed. Civilizações. (Edição original de 1960).
- . *O Candomblé da Bahia (Rito nagô)*. 1978. 3. ed. São Paulo: Ed. Nacional. (col. Barasiliana). (Original de 1958).
- BRANDÃO, Maria do Carmo. 1986. Xangôs tradicionais e Xangôs umbandizados do Recife: organização econômica. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo (USP).
- CORREIA LIMA, Olavo. 1981. *A Casa de Nagô: tradição religiosa iorubana no Maranhão*. São Luís: UFMA (Mimeo).
- COSTA, Selda Vale da. 1997. *Labirintos do saber: Nunes Pereira e as culturas amazônicas*. Tese de Doutorado em Ciências Sociais. PUC-SP.
- DANTAS, Beatriz Góis. 1988. *Vovó nagô e papai branco: usos e abusos da África no Brasil*. Rio de Janeiro: Graal.
- EDUARDO, Octávio da Costa. 1948. *The negro in Northern Brazil, a study in acculturation*. New York: J.J. Augustin Publisher.
- FERREIRA, Euclides M. 1984. *O Candomblé no Maranhão*. São Luís: Alcântara.
- . 1985. *Orixás e voduns em cânticos associados*. São Luís: Alcântara.
- . 1987. *A Casa Fanti-Ashanti e seu alaxé*. São Luís: Alcântara
- . 1997. *Candomblé do Maranhão*. São Luís: [s.e.] (Encarte de disco).
- . 2000. *A trajetória da Casa Fanti-Ashanti*. São Luís: CFA (Texto distribuído em 15/01/2000).
- FERRETTI, Mundicarmo. 2000. *Desceu na guma: o caboclo do Tambor de Mina em um terreiro de São Luís – a Casa Fanti-Ashanti*. 2. ed. São Luís: EDUFMA.
- . (org.). 1998. *Perspectivas das religiões populares no Maranhão*

- no próximo milênio*: Anais. São Luís: INTECAB-MA (Texto xerocopiado).
- FERRETTI, Sergio. 1996. *Querebentã de Zomadonu*: etnografia da Casa das Minas do Maranhão. São Luís: EDUFMA (1. ed. 1985).
- . 1995. *Repensando o sincretismo*: estudo sobre a Casa das Minas. São Paulo: EDUSP, São Luís: FAPEMA.
- HALPERIN, Daniel Tzvi. 1998. “Memória e ‘consciência’ em uma religião afro-brasileira: o Tambor de Mina do Maranhão”. *Religião e Sociedade* 19 (2): 77-102.
- LIMA, Vivaldo da Costa. 1976. “O conceito de ‘nação’ nos Candomblés da Bahia”. *Afro-Ásia* 12: 65-90.
- LIMA, Zuleide. 1993. *O mundo místico dos caruanas e a revolta de sua ave*. 3. ed. Belém: Edições CEJUP.
- OLIVEIRA, Jorge Itaci. 1989. *Orixás e voduns nos terreiros de Mina*. São Luís: VCR Produções e Publicidades.
- PEREIRA, Manoel Nunes. 1947. *A Casa das Minas*: contribuição ao estudo das sobrevivências do culto dos voduns, do panteão Daomeano, no Estado do Maranhão-Brasil. Rio de Janeiro: Sociedade Brasileira de Antropologia e Etnologia (2. ed. Petrópolis: Vozes, 1979).
- PERÉS, Luis Nicolau. 1998-1999. “Atlântico Negro - Na rota dos orixás” - Resenha. *Afro-Ásia* 21-22: 367-375.
- PIRES, Álvaro Roberto. 1999. O rufar dos tambores: Casa Fanti-Ashanti, intelectuais e a (re)construção do universo religioso afro-maranhense. Tese de Doutorado em Ciências Sociais: Antropologia. PUC-SP.
- PRANDI, José Reginaldo. 1991. *Os Candomblés de São Paulo*: a velha magia na metrópole. São Paulo: HUCITEC/EDUSP.
- SANTO, Maria do Rosário C., SANTOS NETO, Manoel dos. 1989. *Boboromima*: Terreiros de São Luís, uma interpretação sociocultural. São Luís, SECMA/SIOGE.
- UNESCO. 1985. *Culturas Africanas*: documentos da reunião de peritos sobre “As sobrevivências das tradições religiosas africanas nas Caraíbas e na América Latina”. Paris: UNESCO.
- VERGER, Pierre. 1952. Le cult des voduns d’Abomey aurait-il été apporté à Saint Louis de Maranhon par la mère du roi Ghézo?. In: *Les Afro-Américains*. Dakar: IFAN, pp. 157-160 (Mem. IFAN 27).
- . 1982. *50 Anos de Fotografia*. Salvador: Corrupio.
- . 1990. “Uma rainha africana mãe-de-santo no Maranhão”. *Re-*

*vista USP* 6: 151-158.

## Outros Documentos Consultados

*Nunes Pereira e a Casa das Minas* – 1976. VÍDEO. Rolando Monteiro e José Sette.

*Atlântico Negro: Na rota dos orixás*. 1998. VIDEO. Renato Barbieri. 52' Betacam. São Paulo: Itaú Cultural. (Série: Aspectos da cultura brasileira).

*Notícias Abril/1999* – O cineasta Renato Barbieri não nega: sempre sonhou em participar do Festival de Cannes, na França. 09/04/1999 - <http://www.webcine.com.br/not041999.htm>